

A LÓGICA COMO FUNDAMENTO DO DISCURSO COMUNICACIONAL EM TEMPOS DE REDES SOCIAIS E PÓS-COMPLEXIDADE

Rigner Augusto de Andrade Breder

Graduação em Pedagogia e Publicidade e Propaganda
Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), São Paulo, SP, Brasil.

Carlos Eduardo Dezan Scopinho

Doutor em Design
Faculdade do Litoral Sul de São Paulo (FALS), Praia Grande, SP, Brasil.

RESUMO

O presente artigo discute a importância da disciplina de Lógica no campo da Comunicação Social contemporânea, especialmente no contexto tecnológico das redes sociais. A partir da obra de Zegarelli (2024) e em diálogo com autores da pós-complexidade como Di Felice, Martín-Barbero e Sodré, analisa-se como a lógica pode contribuir para a forma o de um pensamento comunicacional mais ético, coerente e crítico. Considerando a comunica o em rede como fen meno descentralizado e rizomático, argumenta-se que a lógica não se limita ao raciocínio formal, mas constitui uma estrutura epistemológica essencial   compreensão dos fluxos discursivos digitais. Os resultados apontam para a necessidade de reinserir a lógica nos currículos e práticas comunicacionais como instrumento de resistência   desinforma o e ao discurso irracional nas m dias.

Palavras-chave: Racioc nio. M dia. Sociedade em Rede.

ABSTRACT

This article discusses the importance of the Logic discipline within the field of contemporary Social Communication, especially in the technological context of social networks. Based on the work of Zegarelli (2024) and in dialogue with post-complexity authors such as Di Felice, Martín-Barbero, and Sodr , it analyzes how logic can contribute to the development of a more ethical, coherent, and critical communicational thinking. Considering networked communication as a decentralized and rhizomatic phenomenon, it is argued that logic is not limited to formal reasoning but constitutes an essential epistemological structure for understanding digital discursive flows. The results highlight the need to reintegrate logic into communication curricula and practices as an instrument of resistance against misinformation and irrational discourse in the media.

Keywords: Reasoning. Media. Networked Society.

INTRODU O

O cenário comunicacional contemporâneo   atravessado por transforma es profundas que desafiam tanto os paradigmas tradicionais da comunica o quanto às formas de racionalidade que sustentam o pensamento crítico. A digitaliza o da vida cotidiana, a ubiquidade das redes sociais e a instantaneidade dos fluxos informacionais reformularam as estruturas de produ o, dissemina o e consumo de mensagens. Se outrora a comunica o se ancorava em modelos lineares,

centrados em emissores e receptores definidos, o advento das plataformas digitais trouxe à tona um ecossistema comunicativo dinâmico, participativo e descentralizado, no qual todos se tornam, simultaneamente, produtores e consumidores de informação.

De acordo com Di Felice (2011), esse fenômeno caracteriza o que se convencionou chamar de era da pós-complexidade, em que as estruturas comunicacionais passam a operar de forma rizomática e interconectada, dissolvendo hierarquias e instaurando novas lógicas de interação. A comunicação, antes mediada por canais institucionais e veículos de massa, transforma-se em uma teia viva de sentidos e afetos que se retroalimentam continuamente. Nesse ambiente, marcado pela abundância de dados, pela efemeridade das mensagens e pela velocidade dos acontecimentos, a racionalidade discursiva passa a ser colocada em xeque, e a coerência argumentativa enfrenta o risco de ser substituída por impulsos emocionais, opiniões fragmentadas e narrativas manipuladas.

Nesse contexto, a lógica assume papel fundamental como instrumento de resistência epistemológica e de reconstrução da credibilidade do discurso comunicacional. Como adverte Zegarelli (2024), “a lógica é o idioma da razão; compreender sua estrutura é compreender os mecanismos que tornam o pensamento humano confiável”. Ao afirmar isso, o autor reforça que a lógica não é apenas uma técnica dedutiva voltada à matemática ou à filosofia, mas um modo de pensar que orienta a clareza, a argumentação e a ética do discurso. Sua ausência, portanto, abre espaço para as distorções cognitivas que sustentam a desinformação e o populismo digital.

A aplicação dos princípios lógicos à comunicação social torna-se, assim, um imperativo pedagógico e ético. Diante da sobrecarga informacional em tempo real e da manipulação de algoritmos que definem o que é visto, curtido ou compartilhado, a capacidade de pensar logicamente representa uma forma de emancipação intelectual. A lógica oferece as ferramentas necessárias para identificar falácias, reconhecer contradições e distinguir argumentos válidos de enunciados puramente persuasivos. Nesse sentido, ela se torna um alicerce indispensável para o exercício da crítica e da autonomia do sujeito comunicador em meio ao ruído digital.

Na conjugação da lógica proposicional, a conjunção é o operador que expressa à ideia de “e”, unindo duas proposições de modo que o resultado seja verdadeiro apenas quando ambas forem verdadeiras simultaneamente. Seu símbolo é \wedge , e a forma geral é representada como $P \wedge Q$, onde P e Q são proposições simples. A interpretação é direta, assim, ilustra bem o uso da conjunção lógica aplicada ao campo comunicacional. O operador “e” aqui conecta duas proposições distintas:

1. A lógica como fundamento do discurso comunicacional (P), e
2. Os tempos de redes sociais e pós-complexidade (Q).

A expressão composta ($P \wedge Q$) indica que o raciocínio proposto só se sustenta plenamente quando ambas as condições são consideradas verdadeiras e coexistentes: a presença da lógica como estrutura racional do discurso e o ambiente comunicacional complexo das redes sociais. Assim, a conjunção reforça a necessidade de integração entre razão e contexto, mostrando que a análise lógica da comunicação só é válida se contemplar simultaneamente o fundamento racional e o cenário contemporâneo em que o discurso se manifesta.

A tabela-verdade da conjunção demonstra que o valor lógico será verdadeiro (V) somente quando $P = V$ e $Q = V$; em todos os outros casos (V/F , F/V , F/F), o resultado é falso (F). Assim, a conjunção representa a exigência lógica de que todas as condições ligadas por “e” sejam satisfeitas simultaneamente. Logo a conjunção entre lógica e comunicação permite, ainda, repensar o papel do profissional da área na contemporaneidade.

O comunicador que domina o raciocínio lógico não apenas organiza suas ideias de forma mais coesa, mas também compreende os impactos éticos e sociais de seu discurso em um ambiente de hipervisibilidade e vulnerabilidade simbólica. Em tempos de pós-complexidade, como observa Di Felice (2011), não basta comunicar: é preciso interpretar, filtrar e reconstruir o sentido da informação em meio à multiplicidade de vozes que compõem o espaço digital. Nesse horizonte, a lógica emerge não como uma disciplina técnica, mas como uma ética da clareza e da

responsabilidade, capaz de orientar o pensamento e a linguagem em direção à verdade e à convivência simbólica.

A comunicação em rede e a pós-complexidade

Di Felice (2011) define a pós-complexidade como uma nova condição social e comunicacional, marcada pela dissolução das fronteiras entre emissores e receptores e pela emergência de um modelo de interação em rede, descentralizado e contínuo. Diferentemente do paradigma clássico da comunicação — que se estruturava de forma linear e hierárquica, com papéis fixos de quem fala e quem escuta —, o modelo pós-complexo propõe um ecossistema em que todos os sujeitos se tornam nodos interativos, capazes de produzir, compartilhar e reinterpretar informações em tempo real.

Essa mudança radical rompe com a ideia tradicional de um fluxo unidirecional da mensagem e instaura um sistema rizomático, como descreve Deleuze e Guattari (1980), em que o conhecimento se propaga por múltiplas conexões, sem começo nem fim determinados. A comunicação contemporânea, portanto, não se dá mais em linhas retas de emissão e recepção, mas em teias complexas de significados, formadas por milhões de interações simultâneas — curtidas, comentários, repostagens, reinterpretações — que compõem um ambiente comunicacional dinâmico e imprevisível.

Nesse cenário, as redes sociais se tornaram o epicentro da vida pública digital, onde a informação circula com velocidade e volume sem precedentes. A instantaneidade dos fluxos comunicacionais intensifica a sensação de participação e pertencimento, mas também gera fenômenos ambíguos: o mesmo ambiente que democratiza o acesso à fala pode também amplificar a desinformação. Como observa Di Felice (2011), a pós-complexidade não é sinônimo de caos, mas um novo tipo de ordem, onde a imprevisibilidade é parte integrante da estrutura. Isso significa que o excesso de vozes não necessariamente produz pluralidade de ideias — muitas vezes, ele resulta em redundância discursiva, ecoando os mesmos enunciados dentro de bolhas cognitivas.

Um exemplo claro desse processo são os ecos informacionais criados por algoritmos de recomendação em plataformas como X (antigo Twitter), Instagram e TikTok. Esses algoritmos reforçam conteúdos com os quais o usuário já interagiu, gerando um ciclo de validação contínua que limita o contato com perspectivas divergentes. Assim, o sujeito digital deixa de ser apenas um receptor e se torna parte de uma retroalimentação discursiva, na qual ele simultaneamente produz e consome narrativas alinhadas aos seus próprios vieses. O resultado é o fortalecimento de discursos polarizados e a dificuldade crescente de estabelecer consensos racionais.

É nesse ponto que a lógica se torna uma ferramenta epistemológica indispensável. Ao contrário da mera retórica, a lógica oferece critérios de coerência, inferência e validade argumentativa que permitem ao comunicador analisar criticamente os discursos em circulação. Quando aplicada à comunicação digital, ela funciona como uma espécie de “sistema imunológico” cognitivo, capaz de identificar falácias e inconsistências que passam despercebidas pela dinâmica emocional das redes. Por exemplo, ao analisar um post viral que afirma “Se uma marca defende uma causa social, é apenas por interesse financeiro”, a lógica permite reconhecer uma falácia da generalização apressada, pois a conclusão é apresentada como universal sem respaldo empírico.

A pós-complexidade, portanto, exige não apenas novas tecnologias, mas novas formas de pensamento. A interatividade em rede amplia as possibilidades de participação, mas também demanda um senso crítico apurado, fundamentado na capacidade de raciocinar logicamente sobre as mensagens recebidas e compartilhadas. A lógica, nesse sentido, não é um obstáculo à complexidade, mas o instrumento que possibilita organizar o pensamento dentro dela, distinguindo o argumento racional da manipulação emocional.

Desta forma, compreender a comunicação em rede sob a ótica da pós-complexidade implica reconhecer que a lógica é um eixo estruturante do discernimento coletivo. Ela permite que o comunicador atue como mediador do sentido, e não apenas como amplificador do ruído. Ao equilibrar emoção e razão,

velocidade e reflexão, a lógica se apresenta como o elemento capaz de restituir à comunicação digital um de seus valores mais ameaçados: a inteligibilidade.

A lógica como estrutura cognitiva do discurso

Zegarelli (2024) apresenta a lógica como uma linguagem universal do pensamento humano, capaz de conferir estrutura e confiabilidade às inferências que sustentam a construção do conhecimento. Para o autor, o pensamento lógico atua como um “sistema de filtros mentais que protege o raciocínio das falácias e das contradições”, permitindo ao sujeito diferenciar o que é coerente do que é ilusório ou emocionalmente enviesado. Essa definição retira a lógica do campo restrito da abstração filosófica e a reinsere no cotidiano da comunicação, onde a clareza e a consistência argumentativa se tornaram bens escassos diante da avalanche de informações superficiais.

Na perspectiva de Zegarelli, a lógica funciona como uma gramática da razão, um conjunto de regras que organiza o discurso e torna o pensamento verificável. Em termos comunicacionais, isso significa que a lógica atua como uma ferramenta de ordenação simbólica, permitindo que a mensagem seja compreendida em sua intenção original e interpretada de forma crítica. Em um mundo em que os discursos midiáticos competem por atenção em segundos, o raciocínio lógico representa uma espécie de antídoto contra a pressa cognitiva e a desinformação instantânea.

Aplicar a lógica à comunicação social implica reconhecer a diferença entre comunicar e persuadir. Enquanto a comunicação procura o compartilhamento ético de informações e significados, a persuasão – especialmente nas redes sociais – muitas vezes recorre a falácias argumentativas, apelos emocionais e manipulações inconscientes. Um exemplo emblemático é a circulação de manchetes sensacionalistas que usam a falácia do espantalho (straw man) para distorcer proposições complexas, simplificando-as até o absurdo a fim de mobilizar reações afetivas. Em outro caso, a falácia da falsa causalidade é observada quando se afirma, sem base lógica, que “o aumento de usuários de uma rede social é responsável direto pelo crescimento de transtornos mentais”, desconsiderando a multiplicidade de fatores contextuais que envolvem tal fenômeno.

Ao transportar o conceito de Zegarelli (2024) para o campo da comunicação digital, compreende-se que o discurso midiático necessita desses “filtros mentais” para manter-se crítico, verificável e ético. A ausência da lógica nos processos comunicativos resulta em uma linguagem fragmentada e caótica, em que o apelo visual e emocional se sobrepõe à argumentação racional. Em tempos de pós-verdade, a lógica cumpre a função de restaurar a ponte entre fato e interpretação, impedindo que o discurso se torne refém de vieses cognitivos e algoritmos de engajamento.

A lógica simbólica, ao traduzir relações de inferência em estruturas formais, pode ser aplicada à leitura e à desconstrução de discursos digitais. Por exemplo, quando um influenciador afirma: “Se você não apoia determinada causa, então é uma má pessoa”, estabelece-se uma relação condicional que contém uma falácia moral – a redução de um juízo complexo (moralidade) a um comportamento isolado. Já a lógica proposicional permite identificar quando uma sequência de mensagens contradiz as próprias premissas, como nos discursos políticos que afirmam simultaneamente “somos contra o aumento de impostos” e “defendemos mais investimentos públicos”, sem propor solução coerente entre as proposições.

Esses exemplos revelam como a lógica não é um exercício meramente teórico, mas um mecanismo de proteção cognitiva diante das distorções comunicacionais do presente. Ela possibilita ao comunicador exercer sua função social com responsabilidade, articulando discursos que promovam reflexão em vez de reação, e diálogo em vez de manipulação. A partir de Zegarelli (2024), pode-se afirmar que pensar logicamente é também comunicar eticamente, pois implica respeito à verdade, ao contexto e à inteligência do interlocutor.

Portanto, compreender a lógica como estrutura cognitiva do discurso significa reconhecer que toda comunicação — seja jornalística, publicitária, política ou institucional — depende de fundamentos racionais que garantam sua legitimidade. A lógica, nesse sentido, é a espinha dorsal que sustenta o edifício da comunicação crítica, tornando possível um discurso que resiste à fragmentação e à manipulação típicas da era digital. Em uma sociedade dominada pela velocidade e pela

aparência, pensar logicamente é o primeiro passo para comunicar com consciência e responsabilidade.

Ética comunicacional e racionalidade

A Ciência do Comum, proposta pela obra de Muniz Sodré (2014), é uma compreensão da comunicação que transcende o mero ato técnico de transmissão de informações. Para o autor, comunicar é um ato ético e existencial, uma forma de convivência que se realiza por meio da partilha simbólica entre sujeitos. É nesse sentido que ele concebe a “ciência do comum”: uma epistemologia fundada na experiência coletiva, na solidariedade e na coautoria dos sentidos. Diferente das perspectivas que reduzem a comunicação à eficiência dos meios, Sodré desloca o foco para o vínculo humano, afirmando que a verdadeira comunicação só ocorre quando há reconhecimento do outro como sujeito do diálogo, e não como destinatário passivo da mensagem.

Essa concepção ética da comunicação pressupõe, contudo, a presença da razão e da lógica como sustentáculos da convivência discursiva. A racionalidade comunicativa, nesse contexto, não se opõe à emoção ou à subjetividade, mas atua como instrumento de mediação crítica, capaz de organizar o discurso, sustentar argumentos e evitar a dispersão do sentido. Para Sodré (2014), a ética comunicacional não pode existir sem uma estrutura racional que preserve a coerência das narrativas e assegure o respeito mútuo entre as vozes em interação. Assim, a lógica se torna uma ferramenta indispensável para que a comunicação não se converta em mera retórica de poder, nem em manipulação emocional, mas em um espaço de compreensão e construção coletiva do significado.

Na prática contemporânea, observa-se que grande parte dos conflitos comunicacionais — especialmente nas redes sociais — decorre da ausência dessa racionalidade ética. Comentários impulsivos, discursos de ódio e fake news são exemplos da ruptura entre ética e lógica: o indivíduo expressa-se sem mediação cognitiva, guiado apenas por reações afetivas e algoritmos de visibilidade. Nesse cenário, a lógica atua como um freio epistemológico, uma ferramenta que permite ao comunicador — e ao cidadão comum — reconhecer falácias, inconsistências e

manipulações no discurso público. Por exemplo, ao analisar uma publicação que afirma “quem discorda de mim é inimigo da verdade”, a lógica permite identificar uma falácia ad hominem - expressão em latim que significa “contra a pessoa”; na lógica e na argumentação, este argumento ocorre quando alguém tenta refutar uma ideia ou argumento atacando quem o defende, em vez de discutir o conteúdo em si – o que é um erro de falsa dicotomia, em que a pluralidade do pensamento é reduzida a uma oposição binária e excludente.

Ao lado de Sodré, Martín-Barbero (2018) reforça a necessidade de compreender a comunicação como um processo de mediação cultural, e não como simples transmissão técnica. Para Martín-Barbero, é nas mediações — entre cultura, poder e tecnologia — que o sentido é produzido e ressignificado. Ele defende que a comunicação deve ser analisada a partir das práticas sociais, dos contextos e dos símbolos que configuram as identidades coletivas. Nesse sentido, a lógica atua como instrumento de decodificação dessas mediações: permite compreender como discursos são estruturados, quais valores reproduzem e quais silêncios produzem.

Por exemplo, ao observar campanhas publicitárias que utilizam pautas sociais para fins mercadológicos, a análise lógica permite perceber contradições discursivas entre o discurso ético da marca e sua prática comercial. O slogan “somos uma empresa sustentável”, quando não acompanhado de ações concretas, representa um enunciado contraditório, pois a proposição não se sustenta diante das evidências empíricas — um caso clássico de falácia de performatividade. A lógica, nesse contexto, torna-se uma aliada da ética comunicacional, pois ajuda a revelar o descompasso entre o que é dito e o que é efetivamente realizado.

Assim, tanto Sodré quanto Martín-Barbero apontam para a necessidade de uma comunicação responsável, dialógica e crítica, que reconheça a alteridade e preserve a coerência racional. A lógica, ao estruturar o discurso e revelar suas contradições, assume função ética e pedagógica: contribui para a construção de uma esfera pública mais lúcida e participativa. Em tempos de comunicação em rede e de pós-complexidade, quando as fronteiras entre verdade e opinião tornam-se nebulosas, pensar logicamente é, ao mesmo tempo, um ato ético e político — um exercício de resistência simbólica frente à desordem e à manipulação discursiva.

A lógica e os desafios do discurso nas redes sociais

As redes sociais configuram o ambiente comunicacional mais desafiador do século XXI. Nelas, os discursos se constroem e se dissolvem em uma velocidade sem precedentes, moldados por emoções, algoritmos e interesses mercadológicos que frequentemente suplantam a racionalidade. Essa efemeridade comunicacional reflete o que Bauman (2001) denomina modernidade líquida, uma era em que tudo é transitório, inclusive as formas de vínculo, de identidade e de sentido. Nesse mesmo horizonte, Han (2018) observa que vivemos na sociedade da transparência e da performance, na qual os indivíduos são impelidos a expor-se continuamente, a demonstrar produtividade e a transformar a própria intimidade em espetáculo.

A comunicação digital, portanto, deixa de ser apenas um meio de interação para tornar-se um palco de autoexibição, regido por métricas de visibilidade e aprovação. Assim, compreender a lógica das interações nas redes implica reconhecer que a fluidez baumaniana e o excesso de transparência descrito por Han se combinam para produzir um cenário comunicacional marcado pela velocidade, pela superficialidade e pela constante busca de reconhecimento.

A conectividade permanente transformou o modo como às pessoas se informam, se posicionam e interagem, mas também introduziu uma dinâmica que favorece a superficialidade, a polarização e a manipulação simbólica. Como observam Di Felice e Magalhães (2023), as redes digitais instauram novas formas de cidadania e participação, mas essas mesmas formas implicam dilemas éticos relativos à privacidade, à vigilância de dados e ao controle algorítmico do comportamento comunicativo.

No contexto das redes, o discurso deixa de ser apenas uma troca simbólica e passa a ser produto de um ecossistema de visibilidade, no qual cada interação — um comentário, uma curtida ou um compartilhamento — é traduzida em métricas e padrões de engajamento. Os algoritmos de plataformas como Instagram, TikTok, X (antigo Twitter) e YouTube organizam o que é “relevante” com base em critérios de alcance, emoção e tempo de permanência, não em critérios de veracidade ou profundidade. Esse mecanismo gera o que Han (2018) chama de “sociedade da

transparência e da performance”, em que o valor do discurso está mais ligado ao impacto emocional do que à solidez argumentativa.

Nesse ambiente, a lógica se torna um antídoto indispensável ao caos informacional. Ela fornece o conjunto de princípios que permite distinguir entre opinião e fato, inferência e especulação, emoção e argumento. Ao aplicar os fundamentos da lógica proposicional — como consistência, não contradição e relação causal —, o comunicador consegue analisar a estrutura interna das mensagens e avaliar sua validade racional. Por exemplo, ao deparar-se com publicações do tipo Se a comunicação nas redes é rápida (P), então há risco de superficialidade (Q). A comunicação nas redes é rápida (P). Logo, há risco de superficialidade (Q). A análise lógica revela uma falácia de falsa dicotomia, já que o argumento ignora as gradações probabilísticas que caracterizam qualquer intervenção científica.

Além disso, a lógica ajuda a desmascarar falácias recorrentes nas redes, como o *argumentum ad populum* (apelo à maioria), amplamente presente em conteúdos que justificam uma ideia apenas por sua popularidade — “todo mundo está dizendo, logo é verdade”. Essa falácia se manifesta de forma especialmente perigosa nos contextos políticos, quando discursos são legitimados pelo volume de compartilhamentos e não pela consistência de seus fundamentos. A lógica, portanto, oferece ao comunicador crítico o ferramental para resistir à sedução da viralização, privilegiando a análise racional sobre o impulso emocional.

Di Felice (2011) lembra que vivemos em uma era de pós-complexidade, em que a informação circula de modo rizomático e descentralizado.

Dentro desse fluxo, o papel da lógica é ordenar o pensamento sem suprimir a multiplicidade, garantindo que o excesso de vozes não se transforme em ruído cognitivo. Um exemplo prático é o fenômeno das “fake news emocionais”, notícias fabricadas com base em narrativas afetivas, cuja força reside não na evidência, mas no impacto. A leitura lógica dessas mensagens permite identificar inconsistências, como contradições internas, conclusões sem premissas e generalizações indevidas — sintomas clássicos de manipulação discursiva.

Em síntese, a lógica nas redes sociais não atua como ferramenta de censura, mas como princípio de emancipação cognitiva. Ela capacita o comunicador e o cidadão digital a exercer discernimento em meio ao excesso informacional, reconstruindo o espaço público como um campo de argumentação ética e racional. Em tempos de algoritmos que privilegiam a emoção e a polarização, pensar logicamente é um ato de resistência simbólica — é escolher a coerência em meio à histeria coletiva, a análise em meio à pressa, e a verdade em meio ao espetáculo. Assim, a lógica reafirma seu papel não apenas como instrumento de raciocínio, mas como base moral da comunicação em rede, indispensável à manutenção da integridade discursiva na sociedade digital contemporânea.

MÉTODOS

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, exploratória e bibliográfica, tendo como objetivo compreender, de maneira interpretativa, a importância da lógica no discurso comunicacional contemporâneo em meio à complexidade tecnológica e social das redes digitais.

A escolha desse tipo de abordagem se justifica pelo caráter subjetivo e multidimensional do objeto de estudo — a comunicação humana mediada por tecnologias —, que não pode ser reduzida a números, mas exige uma leitura simbólica, reflexiva e crítica de seus significados.

Segundo Minayo (2010), a pesquisa qualitativa busca interpretar fenômenos em seu contexto natural, privilegiando a compreensão dos sentidos atribuídos pelos sujeitos e pelas estruturas simbólicas da sociedade. Nesse sentido, esta investigação não se propõe a quantificar dados, mas a analisar conceitualmente as relações entre lógica, ética e discurso nas práticas comunicacionais digitais. Assim, o estudo se estrutura a partir de uma revisão teórica fundamentada nas obras de Zegarelli (2024), Di Felice (2011), Martín-Barbero (2018), Muniz Sodré (2014) e Martino (2014), autores que oferecem perspectivas complementares sobre racionalidade, comunicação e cultura.

A metodologia bibliográfica, conforme Marconi e Lakatos (2010) permite o exame sistemático de obras e publicações relevantes, possibilitando a construção de

um arcabouço conceitual sólido e atualizado. As fontes utilizadas foram selecionadas a partir de critérios de pertinência temática, contemporaneidade e relevância científica, garantindo o rigor necessário à análise. Além das obras teóricas centrais, foram consultados artigos acadêmicos e estudos de caso sobre comportamento discursivo em redes sociais, permitindo uma aproximação entre o campo da lógica formal e a realidade comunicacional cotidiana.

O percurso metodológico foi dividido em três etapas complementares:

1. Revisão teórica e epistemológica — leitura e fichamento das obras citadas, com destaque para os conceitos de lógica simbólica (ZEGARELLI, 2024), pós-complexidade e reticularidade (DI FELICE, 2011), mediações culturais (MARTÍN-BARBERO, 2018), ciência do comum (SODRÉ, 2014) e linguagens midiáticas (MARTINO, 2014). Essa etapa visou construir um mapa conceitual que interliga os fundamentos lógicos à estrutura do discurso comunicacional.
2. Análise interpretativa — identificação de pontos de convergência entre os autores e das implicações práticas desses conceitos na comunicação digital. Nessa fase, foram analisadas publicações de redes sociais (como X, Instagram e LinkedIn), observando-se padrões de argumentação, ocorrência de falácias, uso de analogias e coerência interna dos discursos. Por exemplo, verificou-se o uso recorrente da falácia de autoridade em postagens que citam especialistas fora de contexto para reforçar opiniões pessoais, ou da falácia da falsa causalidade em narrativas que correlacionam fenômenos sociais sem base lógica.
3. Síntese crítica e aplicação teórica — articulação dos resultados da análise à luz dos referenciais teóricos, buscando compreender como a lógica pode funcionar como instrumento de resistência discursiva e ética comunicacional nas redes digitais.

A natureza exploratória desta pesquisa também se justifica pela relativa escassez de estudos que relacionem diretamente os conceitos de lógica simbólica e comunicação social em ambientes digitais. Como afirma Gil (2008), o caráter

exploratório é adequado quando o campo investigado ainda carece de sistematização teórica e demanda um olhar integrador. Nesse caso, a articulação entre a racionalidade formal de Zegarelli e as teorias comunicacionais latino-americanas (Di Felice, Sodr e e Martín-Barbero) permite propor uma leitura inédita e interdisciplinar do fen meno comunicacional.

Portanto, o método adotado combina análise conceitual, leitura crítica e estudo interpretativo, privilegiando a compreensão qualitativa dos discursos e suas implica es lógicas. Ao correlacionar a lógica simbólica com as práticas discursivas digitais, busca-se revelar como a coerência, a inferência e a argumenta o racional podem fortalecer o papel ético da comunica o. Essa metodologia, ao mesmo tempo teórica e reflexiva, permite observar não apenas o que   dito nas redes, mas como e por que certos discursos se tornam verossímeis, revelando o poder estruturante da lógica na constru o do sentido social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir da revisão teórica e da análise discursiva em redes sociais apontam que o discurso digital contemporâneo tende a ser emocionalmente saturado e racionalmente enfraquecido. Essa característica se manifesta por meio de constru es argumentativas frágeis, recorrência de tautologias (repeti es de ideias sem progressão lógica), contradi es internas e generaliza es apressadas. Em muitos casos, o conteúdo das mensagens prioriza o impacto imediato e o engajamento afetivo em detrimento da coerência e da consistência argumentativa. Essa constata o confirma a hipótese de que, quando a lógica   negligenciada, o discurso comunicacional perde seu potencial crítico e se torna suscetível   manipula o,   desinforma o e   superficialidade.

Durante a análise, observou-se que postagens virais, especialmente em plataformas como X (antigo Twitter), TikTok e Instagram, frequentemente se constroem sobre falácias emocionais, como o *argumentum ad misericordiam* (apelo   piedade) ou o *argumentum ad populum* (apelo   maioria). Por exemplo, frases como “milhares de pessoas estão compartilhando, logo deve ser verdade” ou “só quem nunca sofreu pensa diferente” são expressões típicas de raciocínios falaciosos

que mobilizam emoções para substituir a argumentação racional. O uso desse tipo de lógica emocional, potencializado pelos algoritmos que privilegiam conteúdos com alta resposta afetiva, enfraquece o espaço público digital e compromete a capacidade de diálogo racional.

A ausência de lógica nos discursos digitais também evidencia um fenômeno de reversão epistemológica, em que a credibilidade de um enunciado não está mais vinculada à sua veracidade, mas à sua performance discursiva. Em outras palavras, aquilo que “soa verdadeiro” — por ser dito com emoção, confiança ou teatralidade — passa a ser mais convincente do que aquilo que se sustenta em argumentos verificáveis. Esse deslocamento reforça o alerta de Zegarelli (2024), para quem “a lógica é o idioma da razão; compreender sua estrutura é compreender os mecanismos que tornam o pensamento humano confiável”. Quando o idioma da razão é substituído pela gramática do espetáculo, o discurso perde sua capacidade transformadora e se reduz à expressão de impulsos imediatos.

Entretanto, ao relacionar esses resultados à teoria da pós-complexidade de Di Felice (2011), compreende-se que a lógica não deve ser interpretada como um sistema fechado e rígido, mas como um processo adaptativo capaz de organizar o pensamento dentro da multiplicidade de vozes, linguagens e culturas que compõem o ambiente digital. Em um contexto rizomático, onde a informação se move sem hierarquia e o conhecimento se constrói coletivamente, a lógica precisa atuar de forma flexível e contextual, preservando a coerência sem impor uniformidade.

Um exemplo disso ocorre nos debates públicos online, onde diferentes culturas e perspectivas convivem em tensão constante. A aplicação de uma lógica adaptativa permite compreender que coerência discursiva não significa consenso, mas sim a capacidade de sustentar uma linha argumentativa que respeite os princípios da inferência racional, mesmo diante de narrativas plurais. Assim, a lógica funciona como uma bússola epistêmica em meio à diversidade, guiando o discurso sem reduzi-lo à simplificação binária do “certo” e “errado”.

Outro aspecto relevante identificado foi o uso de tautologias simbólicas, comuns em campanhas políticas ou comerciais, nas quais uma ideia é repetida com palavras diferentes, criando uma sensação ilusória de profundidade. Frases como

“precisamos mudar para sermos diferentes” ou “a transformação é o caminho da mudança” exemplificam essa prática.

Sob a ótica da lógica, tais enunciados são vazios de conteúdo proposicional, pois não oferecem novas premissas nem conclusões verificáveis — apenas reforçam o próprio discurso como fim em si mesmo. Esse padrão contribui para o empobrecimento cognitivo do debate público e reforça a necessidade de reintroduzir princípios de raciocínio lógico no ensino e na prática da comunicação.

Em síntese, os achados desta análise indicam que a crise de racionalidade nas redes não é apenas uma questão de excesso de informação, mas de ausência de critérios para organizá-la. A lógica, compreendida como processo adaptativo e não como estrutura engessada, emerge como ferramenta de reconstrução simbólica e ética, capaz de resgatar o valor da argumentação em meio ao caos da pós-complexidade. Nesse cenário, pensar logicamente é um exercício de resistência cultural e epistemológica — um gesto de reafirmação da racionalidade em um mundo onde o “curtir” frequentemente vale mais do que o “compreender”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação da lógica ao campo da comunicação social revela-se mais do que um exercício filosófico ou teórico; trata-se de um instrumento cognitivo e ético indispensável à construção de discursos coerentes, críticos e socialmente responsáveis. Em um contexto marcado pela descentralização informacional, pela multiplicidade de vozes e pela velocidade das redes sociais, o pensamento lógico emerge como uma forma de resistência intelectual frente à manipulação e ao irracionalismo que caracterizam a era da hiperconectividade.

Ao longo desta pesquisa, observou-se que a ausência de fundamentos lógicos nas práticas discursivas contemporâneas resulta em fragilidade argumentativa, proliferação de falácias e perda da racionalidade comunicacional. A comunicação, quando desprovida de estrutura lógica, tende a se converter em espetáculo ou em mero fluxo emocional, perdendo seu potencial de mediação e diálogo. Como adverte Zegarelli (2024), “a lógica é o idioma da razão; compreender sua estrutura é compreender os mecanismos que tornam o pensamento humano

confiável”. Assim, pensar logicamente não é um luxo intelectual, mas uma necessidade civilizatória — especialmente em tempos em que as redes sociais substituem o debate público por curtidas e compartilhamentos impulsivos.

A lógica, enquanto estrutura cognitiva da racionalidade discursiva permite ao comunicador e ao cidadão digital identificar inconsistências, sustentar inferências válidas e promover debates baseados em argumentos verificáveis. Essa capacidade analítica é essencial para enfrentar o cenário de pós-complexidade, descrito por Di Felice (2011) como uma condição em que os fluxos comunicacionais se tornam rizomáticos, descentralizados e interdependentes. Nesse novo paradigma, a lógica não deve ser entendida como um sistema rígido, mas como um processo adaptativo que organiza o pensamento dentro da multiplicidade e da diversidade cultural. A coerência, nesse sentido, não significa uniformidade, mas consistência em meio à diferença.

Ao relacionar a lógica à comunicação em rede, percebe-se também a dimensão ética desse processo. Muniz Sodré (2014), em sua *Ciência do Comum*, defende que a comunicação deve ser compreendida como espaço de convivência simbólica e de responsabilidade coletiva. A lógica, ao exigir clareza e consistência, atua como ferramenta de preservação dessa ética comunicacional, evitando a disseminação de discursos manipuladores ou desprovidos de base racional. Da mesma forma, Martín-Barbero (2018) contribui com a noção de mediação cultural, destacando que o sentido comunicacional não se encontra apenas nas mensagens, mas nas práticas sociais e nos contextos simbólicos que as moldam.

Nesse cenário, a lógica se apresenta como instrumento de decodificação e de leitura crítica das narrativas midiáticas — um caminho para compreender como o poder, a linguagem e a cultura interagem na formação da opinião pública.

Para Martino (2014), compreender a comunicação digital implica reconhecer os novos ecossistemas midiáticos criados pelas tecnologias interativas, onde as mensagens são moldadas por algoritmos, interfaces e práticas participativas. A lógica, ao ser aplicada nesse ambiente, permite ao pesquisador e ao profissional da área desenvolver uma postura reflexiva diante da informação, identificando padrões de coerência e desinformação. Já Sardinha et al. (2022), ao discutirem a

comunicação decolonial, lembram que o discurso lógico também deve ser sensível à pluralidade de vozes e epistemologias, evitando reproduzir modelos hegemônicos de racionalidade eurocêntrica. Assim, a lógica deve dialogar com a diversidade de formas de pensar e comunicar, reconhecendo o valor das epistemologias do Sul e das práticas discursivas periféricas.

Portanto, integrar o estudo da lógica à formação e à prática comunicacional é um imperativo ético, epistemológico e político. Em um mundo saturado de discursos instantâneos e polarizados, a lógica atua como guardiã da racionalidade, restabelecendo o vínculo entre verdade, linguagem e responsabilidade social. Como sintetiza Zegarelli (2024), “em um mundo saturado de opiniões, pensar logicamente é o ato mais revolucionário que se pode cometer”. Essa revolução não é apenas intelectual, mas existencial: pensar logicamente é reafirmar o compromisso com a verdade, com o diálogo e com o bem comum — fundamentos indispensáveis para a sobrevivência simbólica e ética da comunicação na era digital.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DI FELICE, Massimo. Pós-complexidade: as redes digitais vistas a partir de uma perspectiva reticular. *Revista IHU Online*, v. XI, n. 380, 2011.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOBBI, Maria Cristina; RENÓ, Denis (orgs.). *Reflexões sobre o Pensamento Comunicacional Latino-americano*. Aveiro: Ria Editorial, 2020.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade da transparência*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

MAGALHÃES, Marina; DI FELICE, Massimo; FRACO, Thiago (Orgs.). *Cidadania Digital – A Conexão de Todas as Coisas*. São Paulo: Alameda, 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos Meios às Mediações: 3 introduções. Matrizes, v.12, n.1, 2018.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Teorias das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes e Redes. Petrópolis: Vozes, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

SODRÉ, Muniz. A Ciência do Comum: Notas para o Método Comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

SARDINHA, Antonio; LIMA, Valéria; LARA, Eloína; BELMONTE, Valéria (orgs.). Decolonialidade, Comunicação e Cultura. Macapá: UNIFAP, 2022.

ZEGARELLI, Mark. Lógica para Leigos. 3. ed. Hoboken: Wiley, 2024.